

MANIFESTAÇÃO CULTURAL NA FEIRA LIVRE: SABER POPULAR E LINGUAGEM DA CIDADE

FRANCISCO ARI DE ANDRADE

Professor Adjunto do Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação – UFC. E-mail: ari.andrade@gmail.com

FRANCISCA ELIANA SANTOS DA SILVA

Pedagoga e Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: eliansilva19@yahoo.com.br

ANGELINA NASCIMENTO DA SILVA

Pedagoga. E-mail: angelinainascimento@gmail.com

Introdução

Neste trabalho, apresentamos um estudo que tem como objetivo valorizar as múltiplas facetas culturais que se manifestam na feira de São Bento. Priorizamos também, entender a educação popular e o ressignificado da feira para a história dos feirantes. Vale ressaltar que, este artigo surgiu a partir de inquietações em relação ao contexto social, cultural, histórico, econômico e educacional das feiras são importantes na compreensão das ações humanas em determinados espaços. A feira de São Bento se localiza no município de Cascavel que dista de Fortaleza 64 quilômetros. O lócus em destaque é um ambiente cheio de cores, pessoas de todas as idades, produtos diversos, e que desperta a curiosidade de quem deseja pesquisar o povo cearense e sua cultura, assim, contribuindo para uma nova visão sobre a história cultural nordestina.

Acreditamos que o espaço da feira é um ambiente primordial para encontros e desencontros de pessoas, além de se tornar um ponto de relações grupais e sociais baseadas em valores de amizade, cultural, educação, economia e respeito.

Para aprofundar e melhor compreender nosso objeto de estudo, nos apropriamos da pesquisa bibliográfica, pois é de profunda importância realizarmos inicialmente leituras que possam reforçar nossos conceitos e possibilitar outras e novas pontes para

concretude da pesquisa. Realizamos também visitas e observações à feira aos sábados, para assim, possibilitar uma aproximação e conhecer melhor o ambiente de investigação. Recorremos ainda às entrevistas semi-estruturadas com dois feirantes que trabalham com vendas de produtos agrícolas. Vale destacar que utilizamos nomes fictícios no artigo, para não expor os feirantes.

Percebemos a entrevista, como sendo umas das técnicas de pesquisa de campo mais adequada para responder nossos objetivos, pois a mesma constrói um caminho de contato direto com os sujeitos entrevistados, estabelecendo uma relação amigável e harmoniosa. Na visão de Matos e Vieira (2001, p.61) “a entrevista é uma técnica mais simples conhecida e utilizada na pesquisa educacional”. E que assim, como a observação ela permite um contato maior do pesquisador com o entrevistado.

Longe de considerarmos o ambiente escolar como único detentor de responsabilidades pelas práticas educativas, compreendemos o conceito de educação como tendo múltiplos significados, sendo o mesmo um fenômeno presente em diversos espaços e praticados por diferentes tipos de pessoas. Por isso, visualizamos a feira de São Bento como uma teia de saberes populares que merecem ser valorizados e resgatados.

Segundo Brandão (1982) a educação existe em todos os espaços e ela pode ser usada tanto para dominar como para transformar, portanto, em cada comunidade, sociedade, tribo, grupos sociais ou igreja há manifestação do fenômeno “educação”, e cada indivíduo a usa da maneira que acredita ser correta.

É com esse pensamento que percebemos como o espaço dos feirantes desperta outro olhar, e nesta forma de ver, elaborar outros conceitos referentes ao termo “educação”.

Feira de São Bento: Cidade, Cultura e História

A feira de São Bento assim, como outras feiras da região nordestina do Brasil, tem e constrói uma cultura significativa para seus

frequentadores, tornando-se parte da história da cidade onde ela está inserida e de seus habitantes.

A visualização da feira como uma manifestação cultural e responsável pelo fenômeno de valor antropológico desperta a curiosidade investigativa de compreender e explorar cientificamente como funciona esse ambiente. E assim, contribuir para a valorização e preservação desse ícone da cultura do povo.

A relação humana com a “instituição” feira existiu há muitos anos, pois o processo de produção de subsistência predominou na vida da humanidade durante um bom tempo, já que a sociedade produzia apenas para atender suas necessidades, a partir do momento que o homem passou a produzir em excesso onde pôde perceber a necessidade de realizar a prática de compra e venda de produtos, sendo que isso faz nascer também uma pequena semente da feira e principalmente a relação comercial e econômica.

Para o autor Dantas (2008, p.88) a feira pode ser “observada como instituição destinada à troca comercial, a feira tem sua origem relacionada ao renascimento da atividade comercial na passagem da Idade Média para a Idade Moderna”. Acreditamos que a feira não tem apenas um caráter comercial, mais ela também apresenta outros valores com dimensões educacionais, antropológicas, sociológicas e históricas, no qual merecem atenção.

A história da feira de São Bento foi alicerçada de acordo com o processo de urbanização do município de Cascavel e a relação de dependência e afetividade dos moradores e feirantes contribuem para dar vida à feira diariamente.

De acordo com Silva (2011, p.13):

A feira de São Bento, desde quando ainda era a tímida “Feira de Gêneros”, não tem sido apenas um espaço de trocas comerciais, de negócios em geral e de manifestações artístico – culturais (cantoria, embolada ou “coco”, forró pé de serra, exposições de mágicas e de números circenses), mas um momento de encontro, de troca de vivências, de festa, de confraternização.

Notamos nesta citação acima que o espaço da feira é um ambiente de manifestações culturais, apreciação e apresentação dos artistas locais. Um palco de histórias cotidianas e vividas por sujeitos diferentes e transformadores do espaço da cidade

É relevante destacar ainda, que a cidade tem uma função muito importante para o acontecimento do “movimento feirante”, pois a cidade tem uma carga significativa de extrema versatilidade no processo de entendimento e compreensão da cultura, hábitos e costumes de uma determinada população, além de ajudar a identificar segmentos de temporalidade.

Para Barros (2007) a cidade tem um poder de “falar eloquentemente dos critérios de segregação presentes em sua sociedade através dos múltiplos compartimentos em que se divide”. Ele ainda ressalta que, assim, como os habitantes falam da cidade, a cidade fala sobre seus moradores. Podemos perceber a expressividade oral da cidade, por exemplo, em cidades antigas como Redenção – CE, Ouro Preto/Minas Gerais entre outras. Na qual ainda preservam aspectos históricos e memoráveis de um determinado tempo e espaço de uma sociedade antiga.

Diante disso, torna-se evidente que a relação de cumplicidade entre feira e cidade aglomera saberes dimensionais que muitas vezes estão implícitos e invisíveis para as pessoas. Por isso, acreditamos que devemos construir um saber relevante para compreensão e esclarecimento da importância da feira para a sociedade, que apesar de tudo ainda prevalecem conceitos que devem ser reelaborados a respeito do que é o espaço da feira.

Retornando ao assunto cidade, iremos expor um pouco sobre o processo histórico da cidade de Cascavel-CE. O município de Cascavel recebeu este nome segundo a versão de antigos moradores da cidade, devido aos viajantes ou comboieiros, que em suas travessias da cidade de Aracati para Aquiraz e Fortaleza, encontravam no caminho muitas cobras cascavéis nos galhos dos cajueiros (árvore abundante naquele local). Portanto a cidade foi denomina-

da com a expressão “passagem da cascavel”. E assim, este fato teria levado os fundadores a denominar o lugar de Sitio Cascavel.

A cidade de Cascavel surgiu, pela primeira vez no Ceará, na sesmaria de Domingos Paes Botão e seu cunhado João da Fonseca Ferreira, concedida em 1694, pelo Capitão-Mor Fernão Carrilho. Apenas em 1833, finalmente, a cidade passou sua denominação oficial para Cascavel. (RODRIGUES, 2011, p. 10)

Cascavel é locativo pouco usado na geografia cearense. Sendo nome de uma cobra venenosa, era, por alguns, aceito a contragosto. Daí as tentativas de substituição: primeiro quiseram mudá-lo para São Bento, protetor contra as picadas do perigoso offídio, não vingou e, a não ser popularmente, jamais teve esta denominação, não obstante sua feira, por muito tempo, haver sido chamada de Feira de São Bento. (BESSA, 2001, p.22)

Acreditamos que é fundamental conhecer a história da cidade no qual estamos investigando um fenômeno, pois essas informações históricas podem contribuir para melhor entendermos nosso campo de pesquisa e responder a nossos objetivos.

Silva (2008, p.51) ressalta o seguinte referente à feira de São Bento:

É possível pensar a feira como algo que nasce e morre a cada sábado, mas que se reveste de significados intrínsecos à revitalização física e psíquica, em razão da sua finalidade de promover as trocas de bens necessários à sobrevivência, mas também as trocas afetivas, numa intensa gama de interesses múltiplos, calcados na sociabilidade em meio ao lúdico, ao simbólico, pela liberdade nas negociações que viabiliza a barganha nos preços, pela profusão de cores, pessoas se movimentando, ininterruptamente, falas, gritos, anunciando ofertas tentadoras, quanto mais tarde mais os preços são reduzidos com a aproximação do fim da feira. O próprio humor do feirante promove um certo deslocamento, contagia os fregueses por meio da espontaneidade e os atrai pela criatividade efêmera própria do espetáculo.

De conformidade com a citação apresentada, realmente a feira é um espetáculo diário e modificador do meio no qual ela acontece. E causador do fortalecimento das relações culturais regionais. Além, do crescimento dos laços afetivos entre feirantes e clientes.

Outro aspecto relevante é a preservação da cultura no ambiente da feira, pois o acontecimento da feira aquece as trocas culturais entre os moradores locais e de outras cidades vizinhas, aumentando a multiculturalidade.

Entendemos que a cultura representa ações produzidas pelas pessoas, e que perpassam de geração a geração. Cada grupo social ou comunidade criam e recriam sua própria cultura e lutam na preservação e “vida” de seus costumes, hábitos, crenças, valores e tradição. Dentro da feira não é diferente, pois, em cada barraca, barracão ou banca nos deparamos com pessoas que expressam na linguagem, em sua própria mercadoria ou na educação suas origens e raízes.

[...] “cultura como quaisquer conjuntos de conhecimentos e realizações de uma dada sociedade que são acumulados ao longo de sua história, lhe conferindo características de singularidade em relação a outras sociedades – por exemplo, sistema de significados, memórias, valores, crenças, saberes e praticas costumes, modos de viver, éticas, estéticas ou visões de mundo conferidoras de sentidos a existências humanas individuais ou coletivas.” (SILVA, 2008, p. 89)

Assim, compreendemos que não existem culturas superiores, mas sim, diferentes tipos de cultura, que devem ser respeitadas e valorizadas.

O Saber Popular e a Feira

Falar de saber popular é ao mesmo tempo resgatar os valores, crenças e tradição de um determinado povo. Por isso, identificamos dentro da feira de São Bento saberes que muitos moradores da cidade não valorizam e nem sabem se existem.

Não pretendemos olhar a feira apenas como um ambiente de circulação de mercadorias e de atividades de compra e venda. Mas mostrar que a feira pode também apresentar outros olhares, principalmente culturais e educacionais, e esses dois aspectos manifestam e fazem parte da linguagem popular. Dantas (2008, p.99) assinala que:

Como um espaço econômico e social, as feiras são centros populares destinados a comercialização dos mais diferentes produtos e ao abastecimento da população, restrito exclusivamente a um centro urbano ou ainda a um conjunto de municípios ou mesmo toda uma região; ao mesmo tempo, é o lugar onde se dá uma grande diversidade de atividades paralelas, onde se dão uma série de encontros e reencontros, de conversas, de manifestações populares e da sociabilidade em todas as suas dimensões. [...] a feira é o momento em que a sociabilidade se manifesta em todas as suas dimensões e é na rua onde está se expressa com mais intensidade. Através das inúmeras pessoas que se deslocam semanalmente para os núcleos urbanos, verificamos que a feira apresenta uma efervescência social, caracterizada por uma multiplicidade de eventos, modificando, ainda que por um período curto, a temporalidade da cidade imprimindo um dinamismo diferente do habitual.

Conforme a citação, vemos assim que, a feira é um local onde acontecem inúmeras atividades. E seus sujeitos são membros ativos dessas atividades. Responsáveis pelo processo de crescimento da cidade, eles manifestam suas indignações principalmente a respeito da segurança e manutenção de higiene da feira, isso percebemos nas entrevistas e observações.

Como já foi mencionada a feira é uma manifestação ou prática humana muito antiga e que perpetua até os dias atuais. Ela faz parte da história e memória da cidade e de seus habitantes.

[...] “as feiras profundamente envolvidas nos sistemas de mercado regional. Assim, na maioria das vezes, elas deixam

de ser um fato rotineiro para assumir um papel de destaque, sendo, às vezes, difícil distinguir até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira". (DANTAS, 2008, p.96)

Verdadeiramente a relação e dependência da feira e a cidade se faz diariamente e frequentemente. Por isso, há uma saber implícito responsável pela cumplicidade entre feirantes, feira, fregueses e moradores.

O Feirante e a Feira: Narrações, Vivências e Experiências

Acreditamos que o espaço da feira levanta muitos questionamentos, principalmente em relação aos pontos culturais, educacionais e históricos. Já que podemos compreender este ambiente como sendo um espelho dos costumes, hábitos, crenças e tradição de uma sociedade.

Vamos apresentar agora a visão de um dos sujeitos ativos da feira de São Bento, o senhor José, um feirante carismático que gentilmente aceitou participar de nossa entrevista, inicialmente ele nos narra o seguinte:

Vendo rapadura na feira faz uns 40 anos. Moro no sítio conhecido como sítio Prata que se localiza entre Capanga e Cascavel tenho um engenho onde eu e minha esposa, produzimos rapadura, batida e mel de cana de açúcar. Vedemos boa parte de nossos produtos aqui na feira de Cascavel, temos muitos clientes.

Percebemos durante a entrevista que o senhor José e sua esposa já têm muitos fregueses fixos. E que o processo de vendas dos produtos acontece em meio a conversas, risos, fofocas e cumprimentos. A relação de convivência dos feirantes com sua clientela é bastante amigável. A esposa do senhor José fala com orgulho que tem gente de Fortaleza e Brasília que liga para ela só para encomendar rapadu-

ras. A valorização do trabalho e principalmente do reconhecimento e esforço feito pelos feirantes são instâncias sentidas por eles mesmos. E isso reflete na forma como eles acolhem seus compradores.

Continuando nossa entrevista perguntamos ao Senhor José qual a importância da feira para sua família? Ele responde:

É graças à feira que eu consigo ter um lucro bom e posso divulgar meus produtos. E que se não existisse mais a feira iria ser difícil, mas eu daria um jeito. Mas aqui na feira é bom, porque vem gente de todos os lugares têm turistas e já fizemos clientes. E se tem gente, tem circulação de dinheiro. Na feira é um local ótimo para trabalhar, falar e conhecer pessoas, porque ficar só em casa não é muito bom. E posso ajudar minha esposa e meus filhos. Já que meus filhos não trabalham com a gente, só uma filha que fica no sítio cuidando do engenho, enquanto estamos aqui.

Nota-se que a feira tem um valor significativo para o senhor José e sua família, pois através dela eles podem mostrar o fruto do seu trabalho. Perguntamos ainda ao senhor José o que ele tinha aprendido trabalhando na feira há tanto tempo?

“Não sei ler muito bem, mas sei muita coisa, que quem estuda e é jovem não sabe. Como plantar cana-de-açúcar e fazer rapadura. Tenho orgulho do que eu aprende e sei fazer. A gente aprende o que pode e o que a vida tem pra ensinar [...] trabalhando nessa feria há tantos anos eu aprende a fazer amigos e respeitar os outros, né.

A feira de São Bento, assim como outras se transforma em um ambiente de aprendizagens, no qual quem convive diariamente faz parte de uma grande rede de laços afetivos. No relato acima percebemos como a valorização do saber é significativo, principalmente para quem tem certeza do que sabe. Isso é notável na fala do senhor José.

Além do senhor José entrevistamos também o senhor Vicente. Um distinto senhor que vende farinha, um dos produtos de

profunda importância na mesa do agricultor sertanejo. O senhor Vicente relata que:

tenho 43 anos de feirante vendo e compro farinha. Nessa época o preço da farinha aumentou quase 100% estar muito bom o produto. Eu compro e produzo farinha para vender e frequento além dessa feira de Cascavel, vou vende em outros lugares como Redenção, Baturite, Capistrano e Pacajus. [...] a feira tem uma grande importância para todos os feirantes e as pessoas que frequentam a feira, para comprar e vender produtos. Assim, tem a circulação de dinheiro. O período do mês mais atrativo é o início e o meio do mês, porque a mãe de família vem receber a bolsa família e os idosos sua aposentadoria.

É viável para muitos feirantes ficar movimentando seus produtos em diversas feiras locais, pois assim, sua clientela aumenta e os fluxos de mercadorias também. A educação de mercado do feirante depoente pode ressaltar que é aprendida por meio de observações e vivências diárias na movimentação da feira. O conhecimento econômico faz parte da vida dos feirantes, já que eles convivem a todo o momento com lucros e perdas.

Dando continuidade a nossa entrevista o entrevistado expõe um pouco suas inquietações sobre a feira. “Eu pago 15 reais por mês a prefeitura e acredito que esse dinheiro deveria ser utilizado na manutenção da feira, gostaria muito que eles melhorassem a cobertura das barracas e a higiene da feira.” Este pequeno trecho mostra um pouco de vários problemas que muitas feiras sobrem e o descaso que as prefeituras têm em preservar a cultura do povo e zelar pelo ambiente de trabalho de muitas famílias.

Ao perguntamos a importância da feira e o que aprendeu trabalhando na feira ele responde:

A existência da feira é muito importante, porque aqui podemos vender nossos produtos e conhecer muitas pessoas, além de fazermos bons negócios e atrair fregueses. Eu

aprendi valores, a respeitar mais as pessoas e ter mais educação. Trabalhando aqui e em outras feiras a gente sempre aprendi e conhece muitas coisas. E vemos também coisas bonitas e feias. Como por exemplo: violência uma ação feia, mais que acontece, artesanato, cantoria, comida boa, mercadorias de qualidade são as coisas boas que vemos na feira.

A valorização da feira é ao mesmo tempo valorizar nossas raízes e linguagem cultural, já que esse espaço representa um pouco da tradição, hábitos e costumes de um povo, e principalmente conceitos.

A feira de São Bento tem inúmeras bancas, barracas, barracão, pessoas circulando de todos os lados. As cores das frutas, os diferentes tipos de artesanato se misturam com roupas, calçados, sacolas, comidas e a música das cantorias se entrelaçam com as vozes dos vendedores. É um ambiente cheio de encantos e desencantos, com pessoas experientes e jovens, todos compartilhando um mesmo objetivo vender e ganhar seu dinheiro dignamente.

O espaço é dividido com o artesanato rico e variado da região, como utensílios de barro (cerâmica), objetos de decoração, bijuterias de conchas marinhas, confecções, calçados, utensílios domésticos, instrumentos para o trabalho agrícola, ferragens em geral e móveis rústicos de cipós. Estes contrastam com a delicadeza das rendas de bilros confeccionadas pelas mulheres, muitas delas, esposas ou filhas de pescadores da área litorânea desse Município. (SILVA, 2008, P.16)

Considerações Finais

As reflexões desenvolvidas neste trabalho foram possíveis a partir de observações, entrevistas e uma relação próxima ao objeto investigado, que nos possibilitou uma melhor compreensão do contexto feira e o que este ambiente representa para os sujeitos que a constrói dia após dia.

Privilegiamos o enfoque “cultura” em relação ao espaço da feira livre de Cascavel, pois nos pareceu uma das melhores abordagens para o tema, contudo a visão social e educacional esteve presente permeando e perpassando por esse estudo.

Portanto, a análise aqui proposta buscou entender as manifestações culturais e valorizar o saber popular no espaço dos feirantes. Identificar a educação em outro lócus que não seja a escola, atualmente está sendo uma tarefa curiosa, pois quebrar paradigmas exige coragem, estudo, investigação e muito equilíbrio. Por isso em meio a tantas formas de visualizar e definir educação nos deparamos com esse fenômeno magnífico na feira, uma educação diária, vivenciada, experimentada e construída sem a presença do professor e sim com a manifestação de produtos, histórias de vida e o saber, que não é necessariamente científico, mas um saber presente e circulante entre bancas, boxes, sacolas, barracões e pessoas de todas as idades.

A feira [...] não é um simples local de compra e venda de mercadorias; mais do que isto é o local privilegiado onde se desenvolvem uma série de relações sociais... É um fenômeno muito importante na vida econômica e social do nordeste brasileiro. (TREVISAN apud PAZERRA, 1987, p. 654)

Diante dessa citação acima, compreendemos o espaço da feira sendo fruto das ações humanas e suas necessidades. E além do olhar econômico devem-se rever nossos conceitos e conhecer melhor a história da feira e as origens das relações grupais.

Referências Bibliográficas

- BARROS, José D'Assunto. *Cidade e História*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BESSA, Evânio Reis et al. *Cascavel 300 anos*. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2001.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. Editora: primeiros passos. 1982
- DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. *Feiras no Nordeste*. Mercator – Revista de Geografia da UFC, ano 07, número 13, 2008.
- MATOS, Kelma Socorro Lopes de, VIEIRA, Sofia Lerche. *Pesquisa educacional: o prazer de conhecer*. 2. Ed. rev. e ampl. Fortaleza: Edições EDR, 2002.
- SILVA, Maria das Graças da. *Feira de São Bento em Cascavel – CE (festa a céu aberto)*. Dissertação (Mestrado). Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2008.
- SILVA, René Marc da Costa. *Cultura popular e educação: salto para o futuro*. Brasília, 2008.
- RODRIGUES, Francisco de Sena. *Cascavel: retalhos de sua história*. Fortaleza, Universidade de Fortaleza, 2011.
- TREVISAN, Emerson. *A feira livre em Igarassu: uma análise a partir dos dois circuitos da economia, a convivência do formal e o informal*. Dissertação (Mestrado). Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.